

ALGUMAS IDEOLOGIAS NO BRASIL DE HOJE

EMERSON NUNES COELHO

Evitando uma definição de ideologia, que compreenderia numa fórmula morta uma realidade viva, analisa o autor os aspectos essenciais de toda ideologia, na qual se concentra sempre "uma explosiva carga de dinamismo", e os aplica à realidade brasileira. Quatro grandes correntes parecem configurar esses aspectos, no Brasil dos nossos dias: o pragmatismo, o desenvolvimentismo, o populismo e o nacionalismo. Depois de expor o conteúdo ideológico de cada uma dessas correntes, submete-as o autor a uma apreciação crítica.

PARECE-ME que toda ideologia comporta dois aspectos essenciais: 1. atribuição de valor absoluto a uma ou mais idéias; 2. grande dedicação, às vezes passional, de seus adeptos a essa ou a essas idéias.

Em toda ideologia se concentra uma explosiva carga de dinamismo. As ideologias não são evolucionistas, mas revolucionárias. Não são pacientes, catequísticas, bem estruturadas e completas, serenas, como as doutrinas; são agressivas, dialéticas, cheias de lacunas, práticas, nem sempre homogêneas e lógicas, intolerantes. Preconizam, por meios raramente suaves, a ruptura com o passado, não de maneira parcial, mas total.

Êsse contraste entre revolução e evolução é descrito por ALCEU AMOROSO LIMA (*Mitos do Nosso Tempo*, Livraria José Olympio Editôra, 1943):

“O prestígio de que em nossos dias desfruta êsse termo (revolução) e a realidade muito poderosa que êle representa, correspondem ao que no século passado logrou o conceito de Evolução. Assim como, no espírito do século XIX, tudo parecia obedecer à varinha mágica dessa onipotente Fada, passando o mundo gradativamente e sem maiores choques por estágios sucessivos que lentamente se transformavam segundo leis que Spencer e a filosofia evolucionista julgaram ter, para sempre, sistematizado — no espírito do século XX tudo parece sujeito a choques bruscos. Tudo se move por contraste e contradições. A nova palavra mágica que domina o ambiente do século é o termo Revolução, que implica três elementos sensivelmente diversos dos que caracterizavam a Evolução: a *ruptura* com o passado; a *violência* de meios e a *integralidade* da transformação. A Revolução é, antes de tudo, uma ruptura, uma brusca cisão com o que ficou para trás. É uma afirmação brusca do presente contra o passado. Um repúdio radical, e tanto mais radical quanto mais autêntica fôr a revolução, com tudo o que passou. A essência da Revolução é ser anti-tradicional. Assim como é de sua natureza ser violenta. Se a Evolução implicava uma suave transformação do passado no presente, sem separações radicais, implicava também uma transformação natural, espontânea, invencível. A Revolução, ao contrário, supõe o debate, a luta, a dialética da contraposição violenta. Se a evolução aguarda a transformação pelo tempo, a revolução provoca a transformação pelo homem. O papel do homem e da sua vontade, dobrando os acontecimentos e comunicando ao tempo uma feição predeterminada, é muito mais considerável na Revolução. Assim como é muito mais completa a modificação proposta. Pretende e tenta a Revolução modificar radicalmente não só a realidade social mas até a própria natureza humana, como chegou a afirmá-lo um dos mais inteligentes comunistas dos nossos dias. A Revolução é hostil a tôda tolerância, a tôda coexistência de contrários, a tôda acomodação. Todo espírito revolucio-

nário é formalmente anti-conformista, ao passo que todo espírito evolucionista é naturalmente condescendente e compreensivo. Daí ser uma época revolucionária essencialmente dogmática, e uma época evolucionista essencialmente céptica”.

Tentarei, então, resumir o que entendo por ideologia: *um conjunto de idéias, quase nunca bem estruturadas e lógicas, servidas por uma dialética protética, às quais os seus corifeus atribuem valor absoluto, consagrando-lhes uma dedicação agressiva e passional.* Insisto, porém, em que não se trata de definição e sim de uma descrição, provavelmente incompleta sob certos aspectos e excessiva sob vários outros.

Passarei a examinar algumas ideologias que grassam no Brasil dos nossos dias: pragmatismo, desenvolvimentismo, populismo, nacionalismo.

PRAGMATISMO

O pragmatismo é um sistema filosófico que tomou forma e corpo, nos Estados Unidos, no período 1890-1910. É uma doutrina. Pacífica, estruturada, serena, tolerante, homogênea, relativista.

Como, pois, ousou eu arrolá-lo entre as ideologias, depois de haver assinalado como caracteres típicos destas a agressividade, a falta de homogeneidade, a tendência ao fanatismo, a atribuição de valor absoluto a si próprias, etc.?

É que, nas Américas, em especial na América Latina e, particularmente, no Brasil, considero o pragmatismo, de que estão inconscientemente imbuídas as elites e a massa, como pai e mãe das ideologias. Inclusive, como desbravador de terreno para o comunismo (característica, esta última, que não vale para a América do Norte, devido aos fatores raça, alto padrão de vida, grande riqueza nacional, atual e efetiva, etc.).

Eis o mecanismo através do qual o pragmatismo dá origem, ou pelo menos as favorece e fecunda, às ideologias, no Brasil.

Com o deslocamento dos centros de interesse brasileiros, políticos e econômicos, da Europa para os Estados Unidos, a nossa bússola cultural passou também a ter como

norte magnético a grande república americana. A nossa antiga atitude para com a Europa, de imitação superficial ou mesmo servil, sobretudo indiscriminada, de qualidades e defeitos, transpôs-se para o novel e pujante mundo que os norte-americanos constroem. Os Estados Unidos têm uma moeda forte; são os credores do mundo; seu povo desfruta de excelente padrão de vida e de excepcional conforto material, graças a um altíssimo progresso tecnológico; respeitam, de modo geral, a dignidade humana de todos e de cada um dos seus filhos; pregam e praticam liberdade de pensamento e de imprensa: vivem uma vida democrática; registram baixo índice de mortalidade infantil e elevado índice sanitário geral; quase erradicaram o analfabetismo; ostentam a maior renda *per capita* do mundo, etc., etc.

Logo, a "Coca-Cola" é boa, o *chiclet* é elegantíssimo, o *jazz*, o *boogie-woogie* e o *rock and roll* são quintessência da música e da dança, as secreções holiudescas são uma maravilha, o divórcio americano é um progresso, a propaganda é onipotente, a *public relation* uma instituição genial e uma técnica infalível, as teorias econômicas americanas as únicas realistas e científicas, etc., etc.

Daí, o raciocínio de que há de ser necessariamente boa a filosofia de vida que presidiu a tão rápido e extraordinário desenvolvimento.

É imensa a nossa receptividade a tôdas as idéias dêsse país, de onde nos vem todo o conforto material, e que se tornou a causa exemplar do nosso progresso.

Assim, o pragmatismo, com o imediatismo, o utilitarismo e a filosofia do enriquecimento e do êxito que êle encerra, alastrou-se no Brasil.

A elite a que todos aspiram é a elite do dinheiro; quem enriquece é um vitorioso; quem ganha uma eleição, ou galga um alto cargo (não importa por que meios), é um vitorioso; quem triunfa em qualquer setor é porque é bom e digno de imitação; bom é o que é útil e traz um resultado prático imediato.

Até a última guerra mundial, a URSS era considerada, no Brasil, como modelo da escravização de um povo, a barbárie comunista. A partir de Stalingrado e do General

TIMOSHENKO, a Rússia começou a mudar . . . na opinião dos burgueses. Acabou entre os vitoriosos contra o Eixo? Quem vence é bom; a Rússia venceu; logo, o regime comunista foi a causa da vitória e não é tão mau quanto se dizia . . . O *sputnik* foi o argumento decisivo, o tiro de misericórdia. Automaticamente, a Rússia passou a contar um progresso tecnológico muitos furos acima daquele dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Do *superavit* tecnológico chegou-se, velozmente, à esmagadora e incontestável superioridade econômica, científica, artística, militar, política e social.

Ora, a filosofia que está subjacente a esta mentalidade, a êsses raciocínios superficiais, a essas generalizações apressadas e ilegítimas, a êsse sofisma do *post hoc ergo propter hoc*, é o pragmatismo, que foi formulado, estruturado e justificado nos Estados Unidos.

Não precisarei demonstrar que o povo brasileiro, armado com essa filosofia, estará à mercê de toda e qualquer ideologia, desde que esta seja prática e não se alicerce em intrincadas teorias, seja útil ao progresso *material* do país, prometa êxitos rápidos ou mostre que já os obteve alhures.

O desenvolvimentismo (de que trataremos à parte) é um filhote brasileiro do pragmatismo.

Parece-me que não é sem interêsse desnudar a filosofia pragmatista, pois os malefícios que vem causando ao Brasil, são facilmente perceptíveis.

Aqui vai, pois, um pequeno e excelente resumo do pragmatismo, extraído da *Historia da Filosofia* de KLIMKE.

SÍNTESE FILOSÓFICA DO PRAGMATISMO

Històricamente, o pragmatismo relaciona-se com as doutrinas de PROTÁGORAS, LOCKE, BERKELEY, HUME e STUART MILL.

Sua primeira formulação aparece num estudo de CHARLES SANDERS PEIRCE, intitulado *How to make our ideas clear*, publicado na revista *Popular Science Monthly* em 1878, e, no mesmo ano, traduzido para o francês na *Révue Philosophique*. PEIRCE lança as bases da nova filosofia, mas

sem usar o nome pragmatismo, que, parece, surgiu em 1898, num artigo de WILLIAM JAMES (1842-1919). Êste último, professor de fisiologia e, mais tarde, de psicologia e filosofia da Universidade de Harvard, contribuiu extraordinariamente para o êxito do pragmatismo, sobretudo após a publicação de suas lições em Boston e Nova Orléans *Pragmatism, a New Name for some Old Ways of Thinking* — traduzidas para o alemão, o italiano e o francês, em 1907, 1910 e 1911, respectivamente. Desde então, o pragmatismo espalhou-se por tôda a Europa, e os inúmeros comentários que provocou, em livros e revistas, atestam eloqüentemente o interêsse que despertou.

O pragmatismo, adverte JAMES, não pretende erigir-se em sistema filosófico completo ou novo, mas fornecer um *método* novo para pôr têrmo às infindáveis disputas metafísicas. Não investiga se algo é verdadeiro em si mesmo, mas que frutos se seguirão, para a vida prática, da aceitação como falsas ou verdadeiras, de doutrinas metafísicas opostas.

Por exemplo: que conseqüências práticas decorrerão para a humanidade da opção pela teoria monista ou pluralista do universo? Mesma pergunta com relação à existência ou não de um Deus providente, do livre arbítrio, da vida futura? Se as conseqüências práticas de duas opiniões opostas são iguais, ambas possuem o mesmo valor, e tôda discussão sôbre elas é palavreado inútil. O conhecimento natural e espontâneo do iletrado, a física moderna e o criticismo filosófico, explicam diferentemente o mundo externo. Se a verdade consistisse, de fato, na conformidade entre a inteligência e a cousa, essas três explicações do universo não poderiam ser verdadeiras; cada uma delas, entretanto, possui seus argumentos, sua importância e seu valor. Logo, deve-se afirmar que nenhuma daquelas três concepções é absolutamente verdadeira, e que tôdas são apenas instrumentos para a consecução de determinados fins práticos. Em resumo, todo conhecimento, tôda teoria, nada mais são do que um certo instrumento, adaptação do pensamento aos fatos; teoria não é solução de problema, mas "programa" de trabalho futuro; indica-nos que meios empregar para modificar o mundo real em proveito nosso. *As teorias são*

instrumentos de trabalho. A verdade não é algo estático, propriedade da coisa ou do pensamento, mas algo *dinâmico*, meio de afirmar nosso domínio sobre o mundo real, e de modificá-lo para nossa utilidade.

Temos, assim, a *teoria genética ou instrumental da verdade*. A verdade não *é, faz-se, vai-se fazendo* à medida que a realidade se enriquece e aperfeiçoa. A verdade é acontecer, atualidade: é produzida ou gerada em cada caso. Um conhecimento é verdadeiro se podemos dar-lhe consistência, se podemos verificá-lo, realizá-lo; do contrário, é falso. Essa teoria se denomina também *instrumental*, porque a verdade de um conhecimento qualquer é função de sua aptidão instrumental para aperfeiçoar a realidade.

A utilidade decorrente dos conhecimentos verdadeiros é a razão única que nos leva a considerá-los como tais. Um pensamento é bom e útil não por ser verdadeiro, mas ao contrário.

O pragmatismo não cogita se Deus existe, nem qual seja sua natureza; indaga somente se a doutrina que afirma a existência de Deus é ou não capaz de desenvolver e melhorar nossas condições de vida. Igualmente não se preocupa em saber qual religião seja verdadeira; interessa-lhe apenas investigar se determinada religião pode promover o progresso humano. A verdade de uma religião depende exclusivamente de que o homem nela possa confiar como estímulo para progredir mais; a religião é como um "ideal": considerámo-la verdadeira enquanto cremos em sua força motriz. Como diferentes pessoas se deixam influenciar por motivos diferentes, há de convir-se que as religiões são verdadeiras conforme os homens e as épocas. O cristianismo, por exemplo, é considerado pelo pragmatismo como eficaz, em nossos dias, para desenvolver a vida, como admiravelmente adaptado a nosso tempo. É, pois, verdadeiro para nós. Não se pode, porém, afirmar ser esta religião absolutamente verdadeira, "porque ignoramos qual será a concepção de religião mais eficaz no futuro".

Essa a doutrina filosófica, simplória e superficial, que, consciente ou inconscientemente, é a norma prática da quase

totalidade dos dirigentes brasileiros, no govêrno e fora dêle. Aliada ao ritmo vertiginoso e à trepidação da vida moderna, que não possibilitam lazeres para indagações aprofundadas (sobretudo aos governantes, legisladores, industriais, comerciantes, profissionais liberais, enfim aos homens de ação), faz com que a mentalidade nacional seja de surpreendente receptividade a qualquer ideologia da moda; a qualquer hipótese que se inculque como conquista científica; a qualquer interpretação tendenciosa e apressada de problemas nacionais, desde que bem lançada por um demagogo, atrevido e bem dotado de recursos dialéticos. Assim, não é difícil, por exemplo, convencer-se ao Brasil dos benefícios que lhe advirão com a vultosa economia decorrente da supressão do Congresso Nacional ou de cortes substanciais nas verbas militares; basta alinhar cifras, dispondo-as na arrumação propícia a êsse fim. Certamente ficarão muito impressionados e convencidos aquêles (milhões!) que preferem sempre ver as questões "quantificadas", mesmo quando o problema seja essencialmente qualitativo; aquêles que não sabem ou fingem não saber que números absolutos se prestam a tôda sorte de malabarismos e, em geral, têm menor significado que números relativos; aquêles que se esquecem que a alma da estatística é a interpretação dos dados; aquêles que não atentam para o fato de que o mundo da matemática (e portanto, em parte, também, o da estatística e da econometria) é um mundo abstrato, por conseguinte perigoso e que exige excepcional argúcia, prudência e finura de tato; finalmente, para não alongar indefinidamente esta fácil enumeração, aquêles a quem a leitura de manuais ou o autodidatismo ou as simples reminiscências dos bancos colegiais, em sua adolescência, ainda conservam na deplorável convicção de que o cartesianismo é o *nec plus ultra* da disciplina mental.

DESENVOLVIMENTISMO

Seria angelismo inexplicável e tolice irritante subestimar a importância do fator econômico na vida de cada pessoa e na existência de cada nação. Já não aludo ao "mínimo de bem-estar material" de que falava santo TOMAZ

DE AQUINO, e sem o qual a virtude, isto é, a vida dentro das normas morais e legais, seria um heroísmo permanente, que não se tem o direito de pretender ou exigir de todos indiscriminadamente. Refiro-me ao confôrto material; à ausência de preocupação angustiante com o dia de amanhã; a certa tranqüilidade de que, se e quando me faltarem fôrças para a labuta cotidiana, não baixará o padrão de vida meu e daqueles que de mim dependem; ao direito de bem viver no nível social em que nasci ou em que fui criado ou a que cheguei; à legítima aspiração de progredir pelo meu trabalho, e de proporcionar, aos meus, melhores ou maiores bens do que aquêles que me couberam, ou meios de conquistá-los.

Os motivos pelos quais uma nação deve ser rica economicamente, financeiramente sadia, são tão óbvios, tranqüilos e pacíficos, que seria infantil enumerá-los e justificá-los.

A razão de ser, primordial, dos governos é promover o bem-estar material, a felicidade terrena dos seus povos.

Mas, na vida das pátrias como na das pessoas, importa haver uma hierarquização de valores. É direito de cada um procurar ser bom, culto e rico; mas os valores espirituais e morais sobrepõem-se aos intelectuais e êstes sobrelevam aos materiais.

Pode-se mesmo admitir a linguagem marxista: a infraestrutura social é material, econômica; os bens morais e intelectuais constituem as superestruturas sociais. Contanto que não se façam estas, meras e necessárias funções daquela, por ela produzidas, só por ela sustentadas, sem ela vazias de conteúdo. O homem (portanto, também a coletividade humana) é "anjo e besta", espírito e matéria; cada uma dessas duas partes do composto substancial humano tem seus direitos e exigências que seria ingênuo, artificial e inumano desconhecer ou renegar. "Sou homem, e nada do que é humano me é estranho", reza a velha divisa do velho TERÊNCIO.

Promover o progresso material de uma nação, enérgicamente, febrilmente mesmo, por todos os meios e modos a seu alcance, nada mais é do que dever dos governos. Mas

se não se cuidar, *pelo menos no mesmo grau*, do progresso intelectual e, sobretudo, moral, cair-se-á no que chamo de desenvolvimentismo: a hegemonia do econômico, o progresso material a qualquer preço, com inteira subversão da hierarquia dos valores humanos. Nem se diga que, se houver desenvolvimento material, enriquecimento da nação, o resto virá automaticamente. Exatamente o contrário é que é verdade: o progresso moral e intelectual de um povo acarretará, necessariamente, o seu aperfeiçoamento, o seu crescimento, econômico, agrícola, industrial, tecnológico, esportivo.

A maior deficiência dos países subdesenvolvidos não é a fraqueza de sua moeda, nem a exiguidade de suas exportações, nem a pequena quilometragem de suas boas estradas, nem a insuficiência de seus combustíveis líquidos e sólidos, nem a debilidade de sua indústria de base, nem a sua incapacidade para produzir bens-de-produção e todos os seus bens-de-consumo.

A principal lacuna dos países subdesenvolvidos, aquilo que os faz e mantém tais, são, principalmente, as causas ligadas diretamente ao homem, e, em particular, causas de ordem moral e cultural: é o baixo índice de nutrição e sanidade da população; o elevado número de analfabetos; a escassez, em quantidade e qualidade, de técnicos e especialistas; a desonestidade nos negócios públicos e privados; a falta de espírito público dos políticos e dirigentes; é, enfim, a mentalidade subdesenvolvida.

Pode-se e deve-se sacar um pouco sôbre o futuro: porque os ônus de certas medidas, que beneficiarão sobretudo os pósteros, não devem recair apenas nos contemporâneos, e porque se pode sensatamente prever que, no futuro, a riqueza nacional já cresceu de modo a permitir, fàcilmente, a cobertura de certas realizações inadiáveis, para cujo custeio não se possuem todos os meios, no presente.

Reiterados e desordenados saques sôbre o futuro representam, porém, injusto e desleal sacrifício dos nossos filhos e netos.

Preferência pelas realizações materiais, porque são mais perceptíveis, porque permanecem como registros palpáveis

da ação de quem as levou a bom têrmo, porque são suscetíveis de inauguração, de placas, e de figurar em estatísticas imediatas, constitui falta de espírito público, vaidade criminosa contra os interesses nacionais.

Alimentar melhor o povo, sobretudo crianças e jovens, instruí-lo e educá-lo, formar muitos e bons professores e, semelhantemente, profissionais liberais de tôda ordem, são tarefas cujos resultados não se colhem, às vêzes, no período de uma vida, mas, geralmente, depois de uma ou duas gerações. Nem por isso, porém, deixam essas providências de se situarem entre as de primeiro plano para qualquer govêrno.

Subverter essa ordem é grave êrro de lesa-pátria, menos grave apenas do que tentar justificá-lo, erigindo-o em ideologia — o desenvolvimentismo —, por meio de malabarismos estatísticos, de sofismas econômicos, de falsas teorias financeiras, de *slogans* demagógicos, de meias-verdades capciosas, de transações, moralmente discutíveis, com os políticos, com a imprensa, e até com aquelas categorias sociais que têm como estado de vida ou profissão a salvaguarda dos princípios morais e da hierarquia de valores.

Progresso material a qualquer preço, com um mau critério de prioridade para as realizações, sem o senso da oportunidade, mediante um contínuo endividamento, quer interno, por meio de emissões, quer externo, por meio de empréstimos (às vêzes para atender a juros e a amortizações de compromissos anteriores), ameaça diretamente a segurança nacional no presente, e compromete-a também por imprevisível lapso de tempo futuro. Desequilibrar e dificultar, além de certo grau tolerável, a vida de cada cidadão e, portanto, de tôda a nação, mesmo que se realizem grandes empreendimentos de cimento, asfalto, terra, pedra e aço, é colocar em cheque a segurança nacional, ainda antes de explodirem as revoluções, que, se não se detiver êsse processo de provocação, fatalmente sobrevirão, talvez não mais contra os primeiros ou principais provocadores, mas, infelizmente, sempre contra a nação, contra a pátria, contra o povo, que permanecem, enquanto os fautores de ideologias passam.

Em tôdas as épocas e em todos os povos, sempre houve demagogos. O que parece típico da nossa época é a demagogia que revela preferência nítida, quase exclusiva, pelas classes populares mais baixas, procurando galvanizá-las e mobilizá-las como apoio para reformas sociais, mediante apêlo às paixões inferiores, ao compreensível descontentamento e à legítima sêde de justiça das massas: é o populismo.

Os demagogos populistas são homens ousados, frequentemente ricos de determinadas qualidades, como, por exemplo, bons oradores, pertinazes e dinâmicos, dotados às vêzes de simpatia pessoal e de certa irradiação na convivência, ambiciosos, fiéis às amizades, bem servidos pelo sentimento de gratidão, etc.

Ao lado, porém, dessas facêtas luminosas de caráter e inteligência, terríveis sombras.

A ambição que, até certo limite, pode ser mola eficientíssima de progresso individual e coletivo, transborda-se-lhes, extravagantemente, a despeito e por cima de tôdas as barreiras sociais, morais e até legais. Escrúpulo não possuem: o que lhes é útil ao objetivo é bom.

Sua principal característica é o egoísmo; embora despidos, por completo, de espírito público e de caridade para com o próximo, a tática do seu egoísmo leva-os, com frequência, até a perpetrar atos de inegável sentido social, objetivamente votados ao bem comum; leva-os, às vêzes e em parte, a adotar e pregar medidas e programas necessários à sociedade.

Suas teorias políticas e econômicas constituem uma salganhada de pontos-de-vista "de tôda a gente", salpicados de uns laivos sadios de doutrina. Elas consistem num mistifório descosido de idéias certas e erradas, que, no momento, gozam de boa receptividade junto às massas, de cambulhada com ataques violentos à elite intelectual, social e econômica, quer nos erros reais desta, quer em pontos que decorrem da própria natureza humana, das próprias diferenças inatas e inextinguíveis entre os homens, os quais êles, os demagogos, exageram até a deformação. Exploram a natural receptividade dos menos aquinhoados, cultural, intelectual e eco-

nômnicamente, sempre inclinados a ver com maus olhos os que lhes estão acima: sempre sensíveis aos sofismas que lhes lisonjeiem os recalques e os apresentem, aos próprios olhos, mais como vítimas de quem lhes é superior do que de si mesmos. Os humildes são sempre facilmente arrebatáveis pela velhíssima eloquência, cujos temperos seculares são: o atrevimento em atacar as elites; a galhofa e a caricatura; o apêlo ao sentimentalismo, apresentando-se (êles, demagogos) como vindos, através da mais árdua ascensão, de origens humildes, ou como vítimas da perseguição dos poderosos, porque querem bem ao povo, por êle lutam, com êle sofrem; um churilho de promessas, levianas e inexequíveis, cuja credibilidade única provém do estado de espírito das classes pobres e incultas, constantemente aberto a qualquer luzinha de esperança, de tal maneira cansado do revérbero do sofrimento e esgotado pela sêde de justiça, em sua caminhada pelo deserto da vida, que está sujeito, a todo momento, a ver miragens, a enxergar oásis. Esta situação dos pobres, dos proletários, dos injustiçados, dos insatisfeitos de tôda ordem, os demagogos agravam-na com um colorido excessivo, e confrontam-na, insistente e maldosamente, não só com os vícios e abusos, reais, das outras camadas sociais, mas também com qualquer outra situação social melhor, ainda que natural e legítimamente melhor.

Não tentarei focalizar os vários espécimes dessa abundante fauna: uns são apenas verbosos, e maus executores; outros, homens de ação, e a sua demagogia é mais de realizações, nem sempre oportunas, sempre por meios ilícitos, mais de aparência atual que de conteúdo duradouro; alguns deixam transparecer certos resquícios de sinceridade, devidos, sem dúvida, a um primarismo intelectual e moral; há aquêles que parecem (e, às vêzes, podem mesmo ser) honestos, embora de uma honestidade elementar, e limitada a assuntos de dinheiro e de fortuna pessoal; mas a maioria dêles é insincera, desonesta e rica. Têm pelos pobres uma estudada compaixão cerebrina e, principalmente, verbal.

Como a colcha de retalhos, ideológica, dos demagogos é facilmente desmanchável pelas pessoas, já não digo cultas

e de alto padrão de julgamento, mas simplesmente possuidoras de bom senso e servidas por natural honestidade intelectual, não constituem estas o público a êles predileto.

Seu auditório é composto de "excepcionais" (no sentido em que a técnica da pedagogia moderna emprega êsse termo, por considerar o de "anormais" como deprimente e, portanto, anti-pedagógico); falam para aquêles a quem uma carência qualquer, de formação moral ou intelectual, do mínimo de bem-estar material e social, etc., tornou maus julgadores, pouco criteriosos e, por conseguinte, permeáveis às ideologias que lhes consultem os interesses. Assim, aquilo que, à luz de um critério sereno, profundo e honesto, é uma miscelânea maléfica, de oportunismo, ambição, generalizações ilegítimas, omissões estratégicas, exploração de paixões inferiores, manobra elementar de fenômenos de psicologia coletiva, aparece aos "excepcionais" como um conjunto, dinâmico e salvador, de idéias bem estruturadas. A êsse veneno que os demagogos ministram às massas, não esquecem êles de auxiliar com algo mais concreto: o antigo *panem et circenses*, o empreguismo, os benefícios sociais em última análise apenas aparentes, porque inoportunos e com sacrifício geral da coletividade.

A ideologia populista é vanguardeira e aliada do comunismo, entre outros motivos, porque fomenta a luta de classes e alarga, cada vez mais, o fôssco, já dificilmente transponível, que a ambição e o egoísmo humanos cavaram entre patrões e operários, e que o capitalismo insaciável mantém; porque ministra adulação aos que necessitam de esclarecimentos; porque outorga ou promete outorgar, paternalisticamente, benefícios sociais, que seriam justos e cabíveis se sua necessidade fôsse sentida espontaneamente pela massa, e por ela, de iniciativa própria, reivindicados pacificamente e oportunamente, embora com a indispensável energia, por meio de associações classistas, de dissídios e mesmo de greves, quando indispensáveis, a critério dêles operários; porque insufla a massa popular mostrando-lhe não a força do seu direito, mas a força do seu número; porque intranquiliza mais àqueles a quem as duras condições de vida já fazem tão intranquilos.

NACIONALISMO

Em alguns tópicos, talvez se note aqui um pouco mais do que simples reminiscências de *Patriotismo e Nacionalismo* de GUSTAVO CORÇÃO.

Históricamente, nacionalismos ensangüentaram pátrias. De modo especial, depois que a filosofia do "eixo" Berlim-Roma-Tóquio foi a nacionalista e levou o mundo a uma hecatombe, parece que essa denominação *nacionalismo* deveria ser considerada, pelos próprios partidários da ideologia, ao menos como inconveniente e pouco indicada.

Nem sempre é simples e fácil apreender o pensamento-mestre, a característica principal, de uma ideologia determinada. Nada, aliás, de admirar: fazem parte de sua natureza, revolucionária e dinâmica, o mimetismo, o maquiavelismo, a dialética.

Ao tentar conceituar e analisar o nacionalismo, como o encontro no Brasil atual, correrei, pois, o risco de imprecisões e inexatidões, tanto menos evitáveis quanto mais a agressividade e a paixão dos *soi disants* nacionalistas turvaram o assunto, de si já bem carregado de conteúdo emocional.

Em que consiste o nacionalismo? No sentimento vivo da soberania da pátria, sobretudo em presença de antagonismos e limitações de qualquer natureza? No ardente desejo da auto-suficiência da pátria, politicamente, economicamente, militarmente, culturalmente? Na disposição permanente de lutar contra aqueles antagonismos e por aquela auto-suficiência? Na tristeza de não podermos, sensatamente, negar as dependências, de vários matizes, do Brasil com relação a outras nações?

Não. Parece-me que não. Porque, para tudo isso, é necessário e suficiente o patriotismo, em seu sentido multissecularmente constante; importa e basta ser bom brasileiro.

Então, nacionalismo contém algo mais que não está abrangido por patriotismo; e é êsse apêndice, ou apêndices, que a ideologia pretende pespegar ao patriotismo, que a tornam desde já suspeita, antes mesmo de explicitarmos seus aspectos típicos.

Inicialmente, creio que é um fato, verificável em todos os Continentes: nacionalismo somente brota e viceja em países subdesenvolvidos. Eis os seus principais redutos no mundo contemporâneo: China de CHIANG KAI CHEK, dita oficialmente Nacionalista; sudeste asiático; oriente médio; norte da África; África negra; América Latina. Também alguns países do ocidente europeu, que nada têm de subdesenvolvidos, mas, devido às armas termo-nucleares, são militarmente fracos, sobretudo em face das duas maiores potências militares do mundo, manifestam um agudíssimo zelo pela própria soberania, nos negócios de sua defesa nacional; nesse ponto, são nacionalistas... Essa averiguação leva a gente a se perguntar se um dos ingredientes obrigatórios do nacionalismo não é o complexo de inferioridade dos povos atrasados, em relação aos mais adiantados, se um dos elementos essenciais do nacionalismo não é a atribuição de tôdas as nossas mazelas internas a causas internacionais.

Os nacionalistas não confessam, espontaneamente, que sua pátria não pode prescindir de auxílio externo; só o fazem raramente, quando, em debates, são urgidos por uma argumentação cerrada ou necessitam de um mínimo de lógica e de base concreta para desenvolver sua dialética. Embora os irrite confessar a realidade, não podem negar a evidência. Pretendem, no entanto, que os países estrangeiros auxiliem o Brasil, naquilo que quisermos, no exato momento que exigirmos, com quanto reclamarmos, pelos prazos que estabelecermos, nas condições que determinarmos, tôdas as vezes que reivindicarmos, para o fim que bem entendermos. Verdadeiro contrato *sui generis*, quase unilateral, fundado no princípio, único compatível com a soberania brasileira, de que o juiz único de todos os aspectos de uma ajuda é quem dela necessita.

A espinha dorsal do nacionalismo não é o amor à pátria, nem a luta a favor de determinados pontos básicos do progresso nacional, nem a predileção por umas tantas modalidades de impulsionar o desenvolvimento do país. Sua essência não é positiva, mas negativa: é ser contra. É a xenofobia, o jacobinismo. É ser contra o estrangeiro mais adiantado do que nós (e veremos adiante que há discrimi-

nação de estrangeiros), desde que este não se limite a comportar-se como mero títere, como alguém a quem caibam só deveres para com um Brasil cheio apenas de direitos.

As empresas estrangeiras radicadas no país são fantasmas que mantêm insones os nacionalistas e os levam à pregação da cruzada santa. Essa pregação é fanática. Não se indaga se essas empresas aqui se instalaram com o nosso consentimento soberano ou a pedido e instâncias nossas; não interessa saber se elas prestam um serviço que ainda não podemos realizar com os nossos próprios meios, ou, pelo menos, se tal sucedia até poucos anos atrás e, sobretudo, na época em que foram admitidas ou chamadas; se incidem em excessos a nós prejudiciais, não lhes ocorre coibir esses excessos pelos meios legais, políticos e pacíficos; se se tornaram desnecessárias e já dispomos de pessoal e recursos nacionais para substituí-las, não admitem transacionarmos, de acordo com as normas morais e comerciais, mas preconizam, inquisitorialmente, a encampação pelo custo histórico (imoralidade econômica, belo e erudito eufemismo de assalto). Na pregação da santa cruzada xenófoba, usam-se raciocínios deste jaez: nos últimos cinco anos, o ingresso de capitais estrangeiros no país foi x ; ora, a saída de dividendos foi, no mesmo lapso de tempo, $x + n$; logo, estamos sendo roubados, está havendo evasão de riqueza nacional. Sem aludir a outras circunstâncias que invalidam essa simplificação tendenciosa do problema, ressalte-se apenas a grosseria da omissão do seguinte esclarecimento: a quantia $x + n$ não representa os dividendos apenas dos capitais x , entrados durante o período escolhido, mas de todos os capitais para aqui vindos em qualquer data e ainda não nacionalizados. Exemplos como este podem ser multiplicados sem esforço.

País que não pode prescindir de livros estrangeiros e de *know how* externo, que carece da maquinaria inadiável à sua vida civilizada e dos meios de fabricá-la, país de moeda aguada e cujas exportações não lhe fornecem toda a moeda forte que lhe é indispensável, país que quer ostentar um padrão de vida acima de suas posses reais e atuais, país onde "sobra o luxo e falta o necessário", país que não dispõe do

mínimo militar para salvaguardar, sòzinho, sua soberania, nos grandes conflitos globais que serão as guerras do futuro, o Brasil não se pode dedicar ao esporte do jacobinismo e da xenofobia. E isso, apenas por motivos quase que só de ordem material. E os de natureza social, humana e cristã?

Para os nacionalistas, quem não se arregimenta sob o seu estandarte é "entreguista". Tal qual o antigo integralismo: quem não levantava o braço, em "anauês" ao "chefe nacional", era anatematizado de judeu, maçom ou comunista.

Outro ângulo do nacionalismo é a sua particularíssima ojeriza pelos Estados Unidos da América do Norte.

Aceito, perfeitamente, que, devido ao satelitismo político, econômico e militar, para com os Estados Unidos, a que nos compelem ainda nossas deficiências e limitações, internas e externas, havemos de ter, para com êsse nosso poderoso aliado, as preocupações da panela de barro para com a panela de ferro; a cautela do país, ainda em desenvolvimento, que precisa do amigo norte-americano, pede e aceita seu auxílio, contanto que nada se nos exija, sequer remotamente, de incompatível com a nossa dignidade nacional; a atitude, realista e prudente, do país que, devido não só à sua conjuntura atual mas também devido às características do mundo moderno, compreende que se hajam introduzido alterações no conceito de soberania das nações, mas sòmente dentro de determinados limites, além dos quais é preferível morrer lutando a viver desonrado.

Aliás, satélites políticos, econômicos e militares, em maior ou menor grau, todos os países o são, dos Estados Unidos ou . . . da Rússia.

Justifico, plenamente, que havemos de estar atentos aos juros e *royalties*, de natureza vária, que nos podem ser cobrados pelos auxílios americanos, além do mais, porque a civilização e o poderio norte-americanos ainda estão em curva ascendente, e a história nos adverte que os povos em ascensão sempre foram imperialistas.

Sei que a dominação econômica é uma das mais odiosas e deprimentes formas de escravidão.

Compreendo que, entre os indivíduos, é raríssimo o benefício desinteressado, e, entre nações, é inexistente.

Mas, não compreendo, nem justifico, nem aceito, que devamos hostilizar o país que, atualmente, é o único capaz de liderar o bloco a que pertencemos, por todos os títulos, contra as ameaças do outro bloco, que não queremos integrar, comandado pela URSS.

Por que será que os nacionalistas manifestam delicadíssima sensibilidade, verdadeiro radar, a respeito das menores e mais camufladas manifestações do imperialismo, americano, reais ou supostos, e não fizeram cântico com o mundo ocidental nos protestos públicos, quando a Rússia afogou em sangue as mais legítimas e sagradas aspirações da Hungria? Por que será que, nas atitudes e palavras do Foreign Office e, sobretudo, do State Department, os nacionalistas percebem sempre ameaças, e nas do Kremlin, por intermédio do eventual KRUSCHEV ou de outro qualquer, nada descobrem que lhes preocupe?

Será que os Estados Unidos constituem para nós o maior e o mais iminente perigo?

Será que os nacionalistas almejam nos transfirmos para a influência da União Soviética?

Será que nos receitam um jôgo desleal: ameacemos aos Estados Unidos de gravitarmos na órbita russa, para extorquir-lhes vantagens, certos de que a Rússia não nos escravizará porque os Estados Unidos não permitirão?

Enfim, repito que não é fácil captar-se a característica principal do nacionalismo.

Expus certos aspectos, encontradiços em todos os que se intitulam partidários da ideologia, embora alguns os neguem sistematicamente: não são comunistas, nem simpatizantes do comunismo, nem da Rússia, nem xenófobos, nem americanófobos. Mas essa negativa tem, na maioria dos casos, explicações estratégicas já bem conhecidas,

É raro o comunista que seja sinceramente nacionalista, levando-se em conta o matiz de patriotismo que o termo possa, esporadicamente, abrigar, na intenção de pouquíssimos; mas os comunistas apoiam, sempre, as campanhas, os combates, as aversões e as reivindicações dos nacionalistas.

Dirão êstes que não têm culpa do fato e não podem impedir-lo. Não consta, entretanto, que, alguma vez, hajam repudiado ou esclarecido êsse apoio, e a alegação de simples coincidência não é razão bastante e convincente, para o fenômeno.